



Arquivo da Irmandade de São Torcato

Património



João Luís
Marques

Arquitecto

Fundação Marques da
Silva
Universidade do Porto

SIT 1867, a arquitectura (des)conhecida de Ludwig Bohnstedt

— Resumo

Procura o presente contributo dar continuidade ao trabalho: “São Torcato, a construção de um santuário: Leitura do projecto a partir do espólio de Marques da Silva”, apresentado em 2019 e publicado em 2021. A investigação então realizada permitiu reconhecer a importância desta obra no percurso do arquitecto portuense ao mesmo tempo que revelou a singularidade do contexto da produção arquitectónica portuguesa dos séculos XIX e XX, identificando uma curiosa teia de relações além-fronteiras que marcariam história da construção do santuário. A investigação em torno de fontes documentais, parcialmente já exploradas por Regina Anacleto e António Cardoso, conduzem agora a outras novas, de espectro geográfico,

temporal e disciplinar mais alargado, que densificam e confirmam a relevância desta obra ‘esquecida’ na história da arquitectura portuguesa. Elege-se como o objecto central história(s) em torno da proposta SIT 1867 apresentada por Ludwig Bohnstedt para São Torcato, um (des)conhecido arquitecto natural de São Petersburgo que venceu um pioneiro concurso internacional de arquitectura realizado em Portugal.

— A crítica à obra iniciada na primeira metade do século XIX

“Falando com franqueza e sem reбуço, devemos confessar que a architectura em Portugal tem sido summamente rutineira, falha de ideias e de bom gosto. A não ser o Convento da Batalha e Igreja dos Jerónimos em Belém – infelizmente incompletos –, não temos um unico monumento religioso digno de admiração, tudo é pesado, sem elegancia, sem cunho característico nem de estylo nem de nacionalidade, e só nos podemos jactar, de termos gasto milhares de contos, em centenaes de Igrejas que apenas pelas suas torres e cruzeiros, se distinguem dos armazéns de vinhos de Villa Nova, ou das tercenas do trigo de Lisbôa.”¹

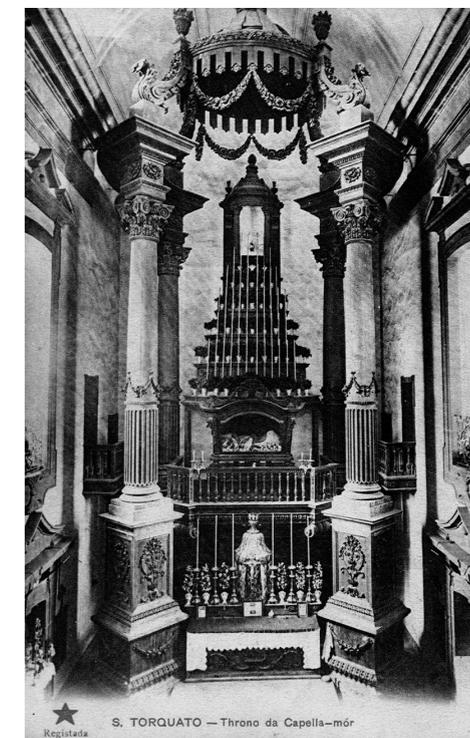
Foram estas as palavras escolhidas por Cesário Augusto Pinto (*Lisboa, 1825; †Guimarães, 1896) para enquadrar a crítica ao projecto do Santuário de São Torcato na carta dirigida àquela irmandade, no início de 1866. Ali expressava a sua leitura do estado da arquitectura portuguesa, convocando temas então actuais em torno do restauro de monumentos, dos estilos e do nacionalismo. Com pouco mais de 40 anos, o autor, descendente de famílias nobres vimaranenses, formado na sua juventude em Bruxelas e regressado a Portugal ao serviço da engenharia e da construção de estradas, tecia uma severa crítica à obra em curso.

Em causa estava o projecto riscado por Luís Inácio de Barros Lima (*Guimarães 1764, †Guimarães 1844), que trabalhara para a Junta das Obras Públicas no Porto e iniciara a construção do santuário minhoto em 1825, ano de nascimento de Cesário Augusto Pinto. O local escolhido, denominado ‘Penedos de Maria do Monte Maio’, ficava um pouco abaixo do antigo mosteiro, que se achava pequeno para acolher os romeiros que ali prestavam culto a São Torcato. Para tal, muito contribuíra a abertura do túmulo ordenada pelo arcebispo D. Frei Caetano Brandão em 1805. Em 1852, o corpo do santo seria trasladado

para a capela-mor do novo santuário, integrando a urna o majestoso retábulo-relicário executado pelo mestre entalhador José Vieira², à imagem do baldaquino existente no Santuário do Bom Jesus do Monte (Braga). De facto, a construção deste novo polo de devoção religiosa, lugar de romaria, concorreria como os demais anteriores e os que viriam a ser construídos no Minho, nomeadamente os altaneiros santuários marianos do Sameiro (Braga) e da Penha (Guimarães), ou do Sagrado Coração de Jesus (Santa Luzia, Viana do Castelo). Ainda que a popularidade da romaria fosse crescente por aqueles anos, o mesmo não se applicava à construção da igreja do santuário que, ali no vale, tardava.



Postais ilustrados, edição Estrela Vermelha
Arquivo da Irmandade de São Torcato



1) Pinto, Cesário Augusto Pinto. [Correspondência] Caldas das Taipas: 13.Jan.1866. Arquivo da Irmandade de São Torcato.

2) Cf. Lameira, Francisco; Lopes, Raúl Sampaio; Loureiro, José João. “Retábulos da Arquidiocese de Braga”, Promontoria Monográfica - História da Arte, 23. Faro: Departamento de Artes e Humanidades da Universidade do Algarve, 2020. p.125.

Paralelamente àquela construção, outras obras foram iniciadas, nomeadamente o arranjo do recinto com o pequeno escadório e fontes fronteiras à futura igreja, segundo risco de Daniel Fernandes³, e a edificação do “Casão”, sede da Irmandade, com desenhos de Pedro J[oaquim] Ferreira⁴. Ambas as obras, na parte fronteira e posterior do templo, contribuiriam para a definição de uma nova centralidade no vale, conferindo forma regular e atribuindo usos diferenciados às partes do grande terreno negociado pela Irmandade desde o início do século XIX, cuja dimensão inicial era de 190 por 88 varas.⁵



Escadório
Fotografia de Filipe Leite, Os
Fredericos

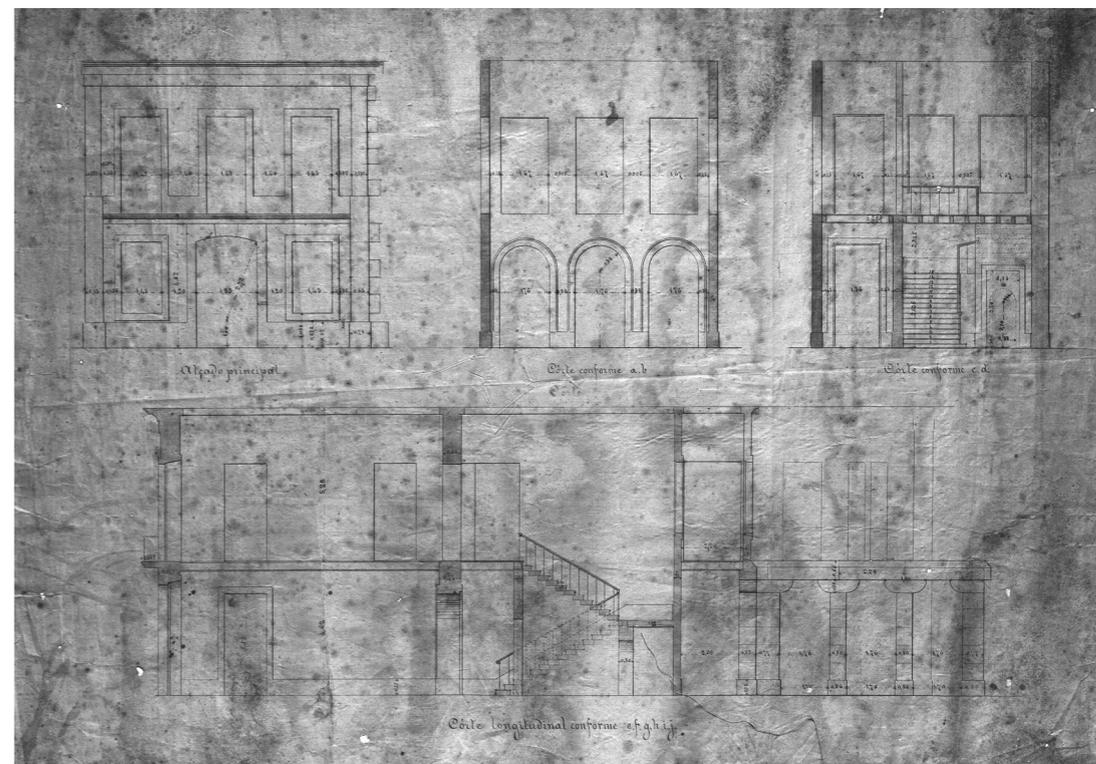


“Casão”, sede da Irmandade
de São Torcato
Fotografia do autor

3) Os desenhos do escadório e fontes, outrora integrantes dos Arquivo da Irmandade e reproduzidos na obra “Arquitectura Neomedieval Portuguesa” (1997), não foram localizados na presente investigação.

4) Ferreira, Pedro J. “Pavimento do 1º andar” 1857. Arquivo da Irmandade de São Torcato.

5) Sillos, Domingos da Soledade. “Vida preciosa e glorioso martyrio de S. Torquato, arcebispo de Braga” Lisboa: Imprensa Nacional, 1853. pp.35-36.



Desenhos da sede da
Irmandade, Pedro Joaquim
Ferreira
Arquivo da Irmandade de São
Torcato

A Sede da Irmandade organizar-se-ia em dois pisos de generoso pé direito: no térreo um átrio de acolhimento e acesso à escada, a que se somava o aquartelamento, serventias, adega, armazéns, casa para irmãos e cozinha; no primeiro piso, um conjunto de grandes compartimentos e outras dependências incluíam, junto à sala de jantar, uma copa com o grande louceiro ainda hoje existente no salão da irmandade. A casa, de fachadas simétricas, teria na frente principal três balcões somando sete janelas de sacada; e na parte posterior, varandas e escadas de serviço. Deste grande projecto apenas o módulo poente foi construído, ou seja, menos de um terço da área total. Ainda que não se tenham encontrado os desenhos de todas as frentes da casa, a parte edificada revela bem o rigor e sobriedade que caracterizaria este edifício. Sobre ele, ainda que incompleto, nada escreveu Cesário Augusto Pinto. Já sobre o projecto de arquitectura para o santuário não poupou a crítica:

“Poucas cousas tenho visto tão pobres de ideias, e menos próprias para recolher os restos venerados de um Santo de tanta nomeada, tudo neste projeto é mesquinho e acanhado. O pórtico é de mau aspecto e insuficiente para o grande acesso a que está destinado, as torres desde a sua base até à grimpada, nada tem de notável nem de elegante, são apenas duas grandes torres de aldeia. As fachadas laterais não sofrem crítica, principalmente do lado da nave onde apresenta janelas em meio círculo que ha muito se usam nas cocheiras, e nas cavalharias. A transição do cume da nave para o da capela-mor, opõe-se de modo mais infeliz, por que desequilibrada a simetria que deve existir na base da cúpula. Na cúpula não falaremos! Finalmente a elevação posterior é ridícula, quando é certo que um edifício de esta ordem, de qualquer lado que fôr visto deve apresentar bellezas de contornos, originalidade no todo e mormente nos detalhes, que com quanto não sejam os que mais prendem a atenção dos apreciadores, são elles os que mais agradam ao povo, e os que mais concorrem para a celebridade do qualquer monumento.”⁶

Nas palavras escritas é evidente o incómodo causado pela obra em curso, agravado pela natureza do edifício que exigia, no seu entender, qualidade superior e “aspecto majestoso (...) rico pelas formas nobre e severas, e não pelos damascos e galões”⁷, capaz de atrair crentes e não crentes. Infelizmente hoje já não é possível reunir todas as peças desenhadas do projecto, nomeadamente a ‘Planta Baixa’ e as da fachada principal e lateral da ‘Nave Exterior’.⁸ Contudo, os desenhos assinados por Barros Lima na posse da Irmandade, em particular os cortes (longitudinal e transversal) aguarelados, permitem compreender alguns aspectos da crítica então tecida àquela igreja de gosto tardo barroco. Do percurso profissional de Barros Lima fez parte o projecto de reedificação da igreja de São Cristóvão (Ovar, 1804-c.1830).

A carta, assinada por Cesário, ‘bom portuguez e sincero admirador da bella architectura’, terminava, deixando a sugestão à irmandade de realizar um concurso com vista à revisão do projecto.

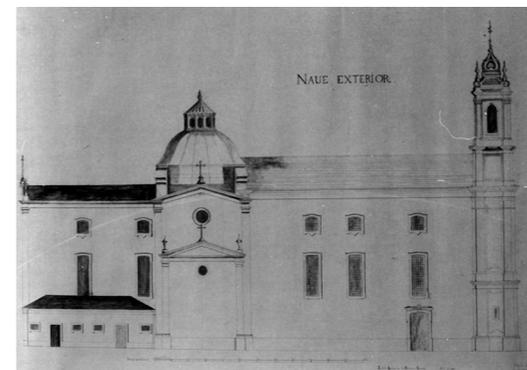
“Aproveite-se muito embora o que está feito, mascarem-se-lhe com arte os defeitos e a monotonia, mas por Deos sahiamos de este vergonhoso ramram, e faça-se um monumento digno de ser visitado por nacionais e estrangeiros.”⁹

6) Pinto, Cesário Augusto. [Correspondência] Caldas das Taipas: 13.Jan.1866. Arquivo da Irmandade de São Torcato.

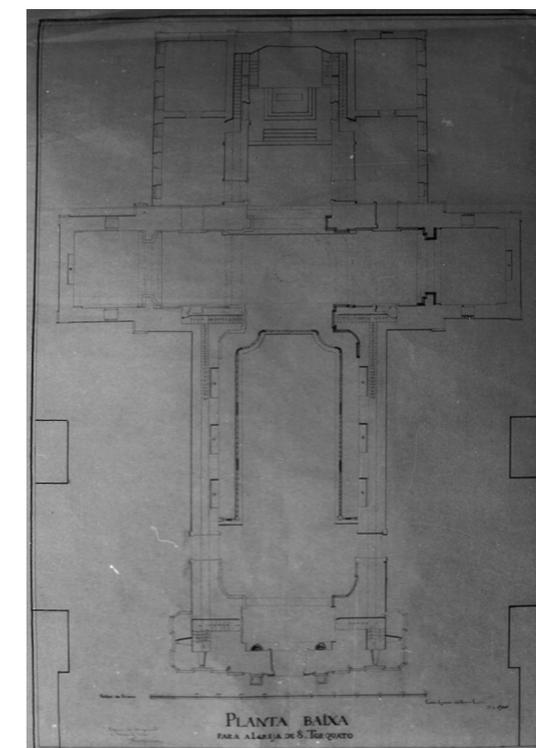
7) Ibidem.

8) Os desenhos mencionados, outrora integrantes dos Arquivos da Irmandade e reproduzidos na obra “Arquitectura Neomedieval Portuguesa” (1997), não foram localizados na presente investigação.

9) Pinto, Cesário Augusto. [Correspondência] Caldas das Taipas: 13.Jan.1866. Arquivo da Irmandade de São Torcato.



Fotografias dos desenhos de Inácio de Barros Lima para o Santuário de São Torcato (desaparecidos) Biblioteca Municipal de Arganil — Regina Anacleto



— O concurso internacional e a exposição itinerante

Acolhida a proposta do concurso pela Mesa da Irmandade, Cesário Augusto Pinto liderou a ‘comissão de homens entendidos e de bom gosto’, um júri com que discutiria o programa a lançar. Idealizou-o composto por representantes nacionais de diferentes organismos, nomeadamente da Academia de Belas Artes de Lisboa e do Porto, contrariando a lógica regionalista.

A correspondência dá nota da participação de Joaquim Possidónio Narciso da Silva (*Lisboa, 1806; +Lisboa 1896), arquitecto da Casa Real, que integraria o júri. Este vivera a infância e juventude no Brasil, estudara em Paris, passara por Roma e, regressado a Portugal, fundara a *Associação dos Architectos Civis Portugueses*¹⁰, presidindo-a a partir de 1863. Três anos depois, deve-se-lhe a iniciativa de distribuir o programa do concurso deste san-

10) Cf. Ribeiro, Ana Isabel. “Arquitectos Portugueses - 90 Anos de Vida Associativa (1863-1953)”, Porto: Faculdade de Arquitectura da Universidade Porto, 2000.

tuário às associações congéneres europeias sedeadas em Londres, Paris e Berlim.¹¹, sendo o principal responsável pela divulgação internacional do concurso. Atente-se que, para lá de Cesário Augusto Pinto ser sócio correspondente da associação de arquitectos (a partir de 1866), mais dois sócios fundadores deste organismo, José da Costa Sequeira e Paulo José Ferreira da Costa, integraram o júri.¹² O próprio presidente do júri, Januário Correia de Almeida, sucederia anos mais tarde a Possidónio da Silva à frente da direcção da *Real Associação dos Architectos Civis e Archeologos Portuguezes*.

A divulgação do concurso contribuiu para o fortalecimento da rede internacional de contactos que promoviam o intercâmbio das práticas da Arquitectura e das Beaux-Arts. Não será por acaso que em 1871 se lia no catálogo do *Royal Institute of British Architects* a existência do enigmático “(J) Da Silva - Projet pour un sanctuaire St. Torquato a Lisbonne P[1866]”¹³. Em Portugal foi especialmente relevante a cobertura feita pelo *Archivo de Architectura Civil – Jornal da Associação dos architectos portuguezes* que não só enalteceu a iniciativa da irmandade de São Torcato¹⁴, como publicou o programa detalhado de concurso¹⁵ e o seu resultado¹⁶, reconhecendo tratar-se duma pioneira iniciativa que procurava afirmar, estimular e valorizar a prática da arquitectura. Sublinhe-se o facto daquele ser, ao que sabemos, o primeiro concurso internacional de arquitectura lançado no nosso país. A natureza pública do equipamento, a ambição de erguer “aquella edificação (...) executada com todos os preceitos d’arte” era expressão de que “Já era tempo que em Portugal a arquitectura civil fosse exercida por aquelles que para isso se acham habilitados”, mostrando a “diferença que existe na pratica de um officio ou a sciencia necessária para se exercer a profissão de architecto”¹⁷. Estavam, pois, reunidas as condições necessárias para que a encomenda civil e religiosa portuguesa fosse divulgada no estrangeiro, contribuindo para modernidade e internacionalização do país.

11) Pinto, Cesário Augusto. [Correspondência] Caldas das Taipas: 4.Fev.1867. Arquivo da Irmandade de São Torcato.

12) Constituição do Júri publicada em 1866: *presidente* - Januário Correia de Almeida (Barão de S. Januário); *vogais* - Possidónio Narciso da Silva (arquitecto da Casa Real), José da Costa Sequeira (professor na Academia de Belas Artes - Lisboa), Paulo José Ferreira da Costa (membro da Associação dos Architectos Civis), João Joaquim de Matos (director das Obras Públicas do distrito do Porto), Gustavo Adolfo Gonçalves e Ribeiro (professor na Escola Politécnica - Porto), Manuel de Almeida Ribeiro (professor na Academia de Belas Artes - Porto), José Gomes Monteiro (amador do Porto), Cesário Augusto Pinto (Irmandade de São Torcato).

13) “Catalogue no. 2. Projects, designs, figure subjects, portraits, & ornaments, with Collection of drawings not places in the previous catalogue” in *Catalogues of the drawings, prints and photographs in the library of the Royal Institute of British Architects*. Londres: 1871. p.51.

14) “Concurso de Architectura” in *Archivo de Architectura Civil – Jornal da Associação dos architectos portuguezes*. Lisboa, nº6, Out. 1866, cl.96.

15) “Concurso de Architectura, Novo Projecto para o Sanctuario de S. Torquato, Programma” in *Archivo de Architectura Civil – Jornal da Associação dos architectos portuguezes*. Lisboa, nº8, Mar. 1867. cl.130-132.

16) “Concurso do Sanctuario de S. Torquato, em Guimarães” in *Archivo de Architectura Civil – Jornal da Associação dos architectos portuguezes*. Lisboa, nº9, Jul. 1867, cl.152.

17) Construção de Edifício Publico” in *Archivo de Architectura Civil – Jornal da Associação dos architectos portuguezes*. Lisboa, nº8, Mar. 1867, cl.130.

A correspondência reunida na Irmandade permite perceber a evolução sobre os moldes do concurso. A negociação do desdobramento do primeiro prémio em dois e a dispensa da obrigatoriedade de visita ao estaleiro, suplantada pelos desenhos de levantamento fornecidos aos concorrentes, abririam espaço para que o concurso fosse mais participado, nomeadamente por estrangeiros. Ainda que Cesário Augusto Pinto tenha manifestado o seu desacordo, alegando que o prémio era desencorajador para a participação internacional, o concurso deste importante “equipamento público” acabaria por ser divulgado no espaço europeu¹⁸.

Em janeiro de 1867, o *Intime Club – croquis d’architecture*¹⁹, periódico francês especializado na divulgação de concursos, dava nota da iniciativa portuguesa. Por sua vez a *Gazette des architectes et du bâtiment*²⁰ anunciava um concurso de restauro parcial, não fosse aquela revista dirigida pelo filho de E. Viollet-de-Duc. De facto, o próprio programa era ambíguo, desde logo na 1ª alínea:

“Achando-se já construída a capella-mór, sacristia e os alicerces de toda a obra, segundo o projeto que estava em construção, e não convindo despresar o trabalho que está feito, é indispensavel que os concorrentes o aproveitem, sendo-lhes pórem permitido qualquer pequena alteração, e occultar exteriormente com novas construções, mas de pequeno vulto, os pannos de muro da capella-mór cujo estylo não possa harmonisar com qualquer outro que houver de se adoptar. No interior póde-se fazer uso da obra de entalha.”²¹

Ao longo de quinze alíneas, o programa explicava as exigências e os procedimentos concursais – as peças desenhadas²² e escritas exigidas, a obrigatoriedade de anonimato, a constituição do júri, a atribuição de prémios, os prazos, a exposição pública dos trabalhos e a sua posterior devolução. No que ao desenho de arquitectura concerne, para lá do estímulo à preservação das alvenarias e fundações realizadas, era indicada a posição da capela para veneração do Santo (a capela à mão direita) e a necessidade de prever a integração de

18) Pinto, Cesário Augusto [Correspondência] Taipas: 29.Dez.1866. Arquivo da Irmandade de São Torcato.

19) “Concours pour la construction du Sanctuaire de S. Torquato” in *Intime Club – Croquis d’architecture*. Paris, Ducher & C.ie, nº9, Jan.1867, f. 5.

20) “Um concours est ouvert dans la ville de Guimarães (Portugal) pour la restauration partielle du sanctuaire de San Torquato” in *Gazette des architectes et du bâtiment*, nº2, 1867, p. 30.

21) “Concurso de Architectura, Novo Projecto para o Sanctuario de S. Torquato, Programma” in *Archivo de Architectura Civil – Jornal da Associação dos architectos portuguezes*, nº8. Lisboa: Mar. 1867. cl.130-132.

22) Os elementos desenhados deveriam ser cotados no sistema métrico; planta baixa, alçados (principal, lateral e posterior), cortes (longitudinal e transversais – na nave e no arco cruzeiro) à escala 1:100 e a pormenorização à 1:25.

um carrilhão numa das torres. Ficaria, porém, à escolha dos concorrentes o “(...) estylo que quizerem adoptar, com tanto que se não faça uso nem do grego nem do romano.”²³ Este ponto levantaria dúvidas, nomeadamente na Alemanha, onde após o anúncio do concurso²⁴, perante a proibição de grego e romano, se colocava a pergunta no *Wochenblatt, Architekten- Vereins zu Berlin se as formas do renascimento eram admitidas!*²⁵ – refletindo talvez a força do pensamento de Gottfried Semper.

Ainda que tenha sido gerada muita expectativa sobre a participação nacional e internacional²⁶ apenas três projectos seriam admitidos e apreciados pelo júri, reunido no Porto a 24 de novembro de 1867 para deliberação final.

A reunião realizou-se após o encerramento da itinerante ‘Exposição de architectura’ dedicada aos projectos para S. Torcato, que ali se tinha realizado entre os dias 14 e 23 de novembro. Inicialmente prevista para ser apresentada numa Sala nas Belas Artes, a exposição acabaria por ser transferida para um dos espaços mais emblemáticos da cidade, o Palácio de Crystal, local que espelhava o progresso e a modernidade inaugurado dois anos antes para acolher a Exposição Internacional do Porto (1865). Com o pronto apoio de [Alfredo] Allen, Cesário Augusto Pinto ia ao encontro da vontade manifestada pelo presidente do júri, o Visconde São Januário, governador civil do Porto. A exposição, que no mês anterior estivera na capital²⁷, seguiria depois para Guimarães no início de Dezembro. Os pequenos anúncios encomendados em periódicos como *O Comercio do Porto*²⁸, *O Vimaranesense*²⁹, e o *Religião e Pátria*³⁰ expressam a vontade de despertar o interesse do grande público para aquela iniciativa. Não há porém registo que fosse feita reportagem alongada sobre a exposição ou decisão do júri, tal como faria notar o secretário da irmandade:

“Os periódicos não fizeram análise dos projetos, limitaram-se a anunciar as exposições, deixando como é costume nos concursos, ao cuidado do jury a apreciação e livre escolha.”³¹

23) Ibidem.

24) “Konkurrenzen” in *Wochenblatt Architekten- Vereins zu Berlin*. Berlim, ano 1, nº7; 16.Fev.1867, p.56.

25) “Konkurrenzen” in *Wochenblatt Architekten- Vereins zu Berlin*. Berlim, ano 1, nº7; 30.Mar.1867, p.121.

26) São vários os nomes que se leem pedindo informações sobre o concurso. Identificámos na correspondência existente no Arquivo da Irmandade de São Torcato: Maximiano Júlio de Figueiredo e Silva; Joaquim Vaz de Lima; José Carlos Conrado Chelmicki; e outros de França. T. J. Groux (Bordeaux); U. Joyau (Angers); Fr. Germer-Durand (Paris).

27) A exposição na capital foi apresentada na sede da Companhia das Águas, no Largo do Pelourinho (actual Praça do Município).

28) *O Comercio do Porto* 13.Nov.1867, p.4, cl.1; 16.Nov.1867, p.4, cl.1; 05.Dez.1867, p.3, cl.4.

29) *O Vimaranesense* 03.Dez.1867, p.3, cl.5.

30) *Religião e Pátria* 30.Nov.1867 p.4, cl.1.; 04.Dez.1867, p.4, cl.1.

31) Machado, Joaquim José Azevedo. [Correspondência dirigida a L. Bohnstedt] Guimarães: 4.Mar.1868. Arquivo da Irmandade de São Torcato.

Recortes de imprensa
O Comércio do Porto, 1867

Exposição de architectura
OS projectos a concurso para o santuario de S. Torcato estão expostos ao publico, até ao dia 23 do corrente, no Palacio de Crystal, sala ao lado do bazar dos moveis.
(5333)

Concurso de architectura
O jury nomeado pela meza da irmandade de S. Torquato para julgar do merecimento relativo dos projectos que se apresentaram ao concurso, classificou em primeiro grau e por unanimidade o projecto de Mr. Louis Bohnstedt, de Gotha e em segundo, por maioria, o do snr. Luiz Caetano Pedro de Avila, residente em Pariz.
Guimarães, 3 de dezembro de 1867.
(5646)

É de relevar a dinâmica gerada em torno da apresentação dos projectos, sujeitos a apreciação pública anterior ao veredicto do júri. Ainda que a imparcialidade e autonomia dos jurados pudesse estar condicionada pela pressão da opinião pública, o concurso internacional e a exposição itinerante representavam uma moderna e inovadora dinâmica que promoveria o debate em torno da arquitectura. A partir das propostas para o santuário nos subúrbios de Guimarães, discutiam-se os modelos e as formas da arquitectura religiosa dos finais do século XIX. A arquitectura começava assim a conquistar espaço na vida cultural das cidades.

— Os concorrentes, as propostas e a apreciação do júri

Ainda que o concurso fosse anónimo *A Revolução de Setembro*, diário da capital, dava nota da participação do “architecto portuguez” Caetano d’Avila com um “trabalho (...) completo debaixo de todos os respeitos”³². Luís Pedro Caetano de Ávila (*Goa 183(?); +Lisboa 1904) era um dos candidatados portugueses que se apresentara a concurso, a partir de Paris onde se encontrava a estudar após ter cursado na Escola Politécnica de Lisboa.³³ A autoria dos desenhos de Ávila, marcados com duas estrelas vermelhas, era revelada em carta selada que o identificava. Nela dizia dar-se “(...) por muito feliz se o meu pensamento coincidir com o gosto daquele povo.”³⁴ Ainda que tenha reunido opiniões favoráveis, o projecto acabaria por ser preterido.

32) “Nova igreja de Guimarães” in *A Revolução de Setembro*. Lisboa, 17.Set.1867, p.3.

33) Cf. Nunes, Maria Helena. “O Engenheiro-Militar e Architecto Luís Caetano Pedro Ávila (183[?]-1904). A condição profissional e as práticas do métier” Tese de doutoramento em História da Arte apresentada à Faculdade de Belas-Artes da Universidade de Lisboa, 2006.

34) Ávila, Luís Caetano Pedro de. [Correspondência] Paris: 24.Ago.1867. Arquivo da Irmandade de São Torcato.

“O público que visitou as três exposições mostrou, geralmente tendência para o projecto do Sr. Ávila, e talvez tivesse sido elle sido preferido, se não tivesse comettido o grave erro de alargar consideravelmente os alicerces, desprezando parte dos existentes”³⁵

A integração dos trabalhos realizados das fundações e alvenarias já executadas eram alvo de valoração na apreciação das diferentes propostas. Sobre o projecto apresentado por Ávila, para lá da crítica exposta, pouco mais podemos adiantar. Apenas sabemos, graças à referência existente no Arquivo da Irmandade, que tinha ‘uma torre só’ – solução tipológica que viria a ser muito explorada em igrejas naquele período.³⁶ Ainda que não tinha vencido o primeiro prémio, desenhos do “Projecto de construção de uma igreja de S. Torquato, em Guimarães, premiado em concurso europeu”³⁷ integrariam a secção de Arquitectura, da representação portuguesa à Exposição de Belas Artes de Madrid, conforme se lê no catálogo em 1871.

Foi também preterido o projecto de Pedro Augusto Serrano. O do architecto Groux, de Bordéus, fora precedido de pedidos prévios de esclarecimento que revelam a atenção ao levantamento fornecido aos candidatos. Prontamente as incongruências seriam justificadas, em parte

“porque o indivíduo que se encarregou de passar o desenho é desenhador de música, não de arquitetura acresce que quando passou o desenho a pedra (o que se faz percorrendo todos os traços com uma ponta de aço), também passou as cotas e como depois desta operação o papel fica inutilizado quando teve de escrever as cotas viu-se atrapalhado em todas aquelas que não ficaram transportadas com bastante clareza”³⁸

Outros pequenos erros estavam relacionados com a conversão de palmos para o sistema métrico, que naqueles anos se realizava. O atraso no envio da proposta de Groux, que chegara já com as exposições a decorrer, ditou o afastamento do concurso.³⁹ Contudo po-

35) Machado, Joaquim José Azevedo. [Correspondência dirigida a L. Bohnstedt] Guimarães: 4.Mar.1868. Arquivo da Irmandade de São Torcato.

36) Em Portugal, recordem-se a título de exemplo, a igreja de Santo António de Reguengos de Monsaraz, (1887-1912, arq. António José Dias da Silva), Espinho (arq. Adães Bermudes), Tondela (c.1884-1889) e Vila Nova de Tazem (Figueiredo e Silva 1894-)

37) “Catalogo das obras de arte executadas por artistas portugueses enviadas a Exposição de Madrid em 1871 pela Comissão nomeada pelo Governo Portuguez” Lisboa: Typographia Universal, 1871. p.23.

38) Pinto, Cesário Augusto Pinto. [Correspondência] Taipas: 6.Jun.1867. Arquivo da Irmandade de São Torcato.

39) Groux, T. J. [Telegrama] Bordéus: 21.Nov.1867. Arquivo da Irmandade de São Torcato.

de-se ler na correspondência interna da Irmandade, uma carta de Cesário Augusto Pinto, que já depois da reunião de júri, escreveu:

“O projecto do francez é pobrezinho em tudo, por isso o orçamento é tão barato, é o mais simples que se apresentou e o mais fácil de executar mas acho-o excessivamente triste.”⁴⁰

Ora nenhuma das atitudes extremas – construção de novos alicerces ou manutenção das estruturas existentes – seria a premiada.

Ainda que o Cesário Augusto Pinto, desiludido as propostas apresentadas ao concurso que tão empenhadamente lançara, procurasse suspender a votação para evitar despesas à irmandade, o júri acabaria por votar aceitá-las e avaliá-las, por propostas do Visconde de S. Januário.

José da Costa Sequeira, professor na Academia de Belas Artes de Lisboa, na impossibilidade de estar presente na reunião do júri, manifestou por carta o seu desalento perante as propostas apresentadas pois também ele achava não responderem cabalmente aos requisitos estabelecidos. Porém, procurando contribuir para o desenlace do concurso, escreveu:

“(…) de todos os projectos, o que me parece reunir maior número de condições e predicados artísticos, o que revela em seu author mais aptidão e profundidade de conhecimento technico da arte de construir, é o que se acha marcado com este signal [SIT1867].

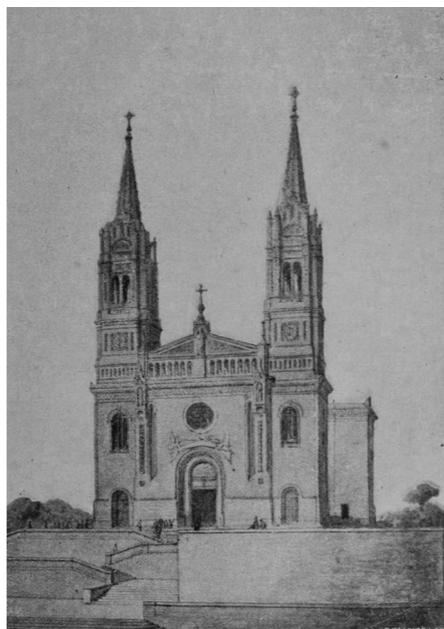
Ainda assim, não me parece, que elle possa ou deva ser approved e premiado, sem que haja de soffrer primeiro bastantes modificações e emendas; para se pôr em completa relação e harmonia com todas as necessidades, com os precisos commodos e bellas judiciosamente recommendadas; e que muito seria para desejar se oferecessem e ostentassem n’um Templo monumental que deve recordar aos Christãos a memoria do bem-aventurado Santo, acreditando os Devotos que o fizeram construir, a época e o país em que foi erigido!”⁴¹

40) Pinto, Cesário Augusto Pinto. [Correspondência] Taipas: 23.Dez.1867. Arquivo da Irmandade de São Torcato.

41) Sequeira, José da Costa. [Correspondência dirigida ao júri] Lisboa: 2.Set.1867. Arquivo da Irmandade de São Torcato.

O veredito do júri acabaria por premiar, curiosamente por unanimidade, esta mesma proposta ainda que o projecto tivesse de “bom e mau” e não tivesse “agradado principalmente aos entendedores, por que apresenta o absurdo de juntamente com torres góticas ter um zimbório que não é próprio daquela architectura.”⁴² Somava-se a esta crítica o modo como organizara os elementos apresentados. Na mesma carta em que o candidato era felicitado pela conquista do prémio, lia-se:

“O projeto apresenta desenhos que se não exigiram, taes que o corte longitudinal em variante, e uma vista perspectiva, de um merecimento incontestável, mas que não suppre de forma alguma a falta de detalhes indispensaveis n’um projecto, cuja execução tem de ser confiada a um simples mestre de obras. As seis folhas de detalhes que exigimos no nosso programma, são apenas representadas no seu projeto por duas que V. E.ia elevou a quatro por um meio assaz e engenhoso, mas que não agradou a muitos. As peças escriptas acham-se incompletas, e a memoria descriptiva contendo o systema detalhado da construção, deixa tudo a desejar.”⁴³



Fotogravura publicada no livro *Archeologia Christã* de Albano Bellino, 1900

42) Pinto, Cesário Augusto Pinto. [Correspondência] Porto: 16.Nov.1867. Arquivo da Irmandade de São Torcato.

43) Sequeira, José da Costa. [Correspondência dirigida ao júri] Lisboa: 2.Set.1867. Arquivo da Irmandade de São Torcato.

Todavia o risco, arriscado, traçado por Franz Ludwig Carl Bohnstedt (*São Petersburgo, 1822; +Gotha 1885)⁴⁴ conquistaria o primeiro prémio. Tratava-se de um concorrente, desconhecido em Portugal, mas com experiência acumulada, conforme ele próprio escreveria mais tarde:

“Tenho ganho mais de 10 prémios em concursos públicos, tanto na Rússia como na Alemanha, Itália, Espanha e Suíça e foi nestes concursos que adquiri a convicção de que um projeto de concurso não é mais do que uma obra de liminar, uma solução artística das principais condições do programa, e é somente quando se resolve que este projeto sirva de base para a execução, que o artista trata de completar com os detalhes as alterações que se julguem indispensáveis.”⁴⁵

Cinco anos depois, em 1872, Ludwig Bohnstedt alcançaria, entre 103 candidatos, o primeiro prémio num dos concursos mais disputados da história da Alemanha, o Reichstag de Berlim. No Porto, a sua identidade fora revelada aquando da abertura dos 3 sobescritos dos concorrentes. Entre eles, o da proposta vencedora:

“Louis Bohnstedt - Architecte, conseillere de cour, membre er profeseur de l’académie Imperiale des Beaux-Arts à St. Petresbourg, chevalier de l’orde de Charles III etc etc. – residant à Gotha (...)”⁴⁶

— A revisão do projecto vencedor SIT 1867

A correspondência trocada mensalmente de 1867 a 1869, em francês, entre o vencedor do concurso e a Irmandade de São Torcato é especialmente rica no que ao processo de incul-turação arquitectónica diz respeito. As cartas de Joaquim de Azevedo Machado (secretário da Mesa da Irmandade) e Ludwig Bohnstedt foram mediadas, traduzidas e comentadas por Cesário Augusto Pinto. Esta documentação organizada no Arquivo da Irmandade evidencia um triângulo cúmplice de trabalho.

Logo na carta da comunicação da decisão do júri ao concorrente vencedor foi imposto um conjunto de condições tendo em vista a construção de um “templo comodo, elegante

44) Cf. Dolgner, Dieter. “Architektur im 19. Jahrhundert. Ludwig Bohnstedt. Leben und Werk” Weimar: Hermann Böhlau Nachfolger, 1979.

45) Bohnstedt, Ludwig. [Correspondência] Gotha: 12.Dez.1867. Arquivo da Irmandade de São Torcato.

46) Bohnstedt, Ludwig. [Correspondência do concurso] Gotha: 1867. Arquivo da Irmandade de São Torcato.

e duradouro”, ecoando nestas palavras a tríada vitruviana ‘Utilitas, Venustas, Firmitas’. Era necessário que o projecto compatibilizasse usos, nomeadamente que durante a construção da nova igreja a circulação dos romeiros fosse assegurada. Apontava o júri a necessidade de garantir a instalação de um carrilhão nas torres, e estas deveriam ser revistas juntamente com o zimbório:

“Quando fizemos a abstração no nosso programa de templo grego e romano, tínhamos por fim evitar os zimbórios cuja construção difícil e custosa nos não convinha, e nos desagradava no projeto que estávamos edificando; mal podíamos nós pensar, que por um capricho é inexplicável o seu projeto nos havia de apresentar justamente o que nós procurávamos evitar. O remate das duas torres a ninguém tem agradado, e o corpo principal da fachada tem sido julgada de uma simplicidade excessiva, e de nenhum modo em harmonia com a riqueza da ornamentação interior. Também devo pouco auscultar a Vossa Excelência; que a altura das Torres tem parecido a excessiva a muitas pessoas, aliás entendidas, e dizem-nos que apenas as da catedral de Estrasburgo lhes podem ser comparadas nas proporções – duas vezes e meia a base – parece-nos extraordinariamente pretensiosas para o templo de uma pobre aldeia.”⁴⁷

Em resposta, Ludwig Bohnstedt dispôs-se a rever o projecto, desde que aquele fosse executado. De modo a detalhá-lo solicitou cópias dos desenhos, levantamento rigoroso e esclarecimentos sobre os meios e as matérias-primas disponíveis. O desconhecimento do contexto português levaram-no a pedir:

“(…) uma relação dos materiais que estão mais em uso em Guimaraes taes como granito, cantaria, pedra artificial, madeira – carvalho, pinho, etc. – e dos materiaes que se empregam nos telhados, taes como zinco, chumbo, cobre, louza, etc, a fim de eu poder melhor ajuizar dos materiaes que devo fazer uso.”⁴⁸

A resposta, para lá dos aspectos da revisão do projecto avançava identificando a necessidade colocar, nas torres, para raios – ao jeito de premonição do acidente de 1912 que fez ruir a agulha da torre sineira –, e relógios – substituindo a velha estrutura provisória

fronteira à igreja. Fornecia ainda ao arquitecto as primeiras informações contextuais, nomeadamente sobre as características naturais e a história do lugar, o culto do santo e as romarias. Numa cuidadosa e extensa prosa de sete páginas explicava Joaquim de Azevedo Machado os anseios da Irmandade, as possibilidades e as particularidades da obra, confiando na capacidade e talento do arquitecto para responder aos desafios colocados.

“O ladrilho terá de certo ser feito com pedra de granito, por que a pedra artificial, ou tijolo colorido inglez, não resistiria muito tempo ao attrito dos tamancos guardados de largas tachas, que constituem o usual calçado do nosso povo. O mármore além de escorregadio, tem o defeito de se riscar facilmente. (...)”

A lousa por enquanto não tem sido empregada n’este reino senão como ensaio, e não encontrará de certo muitos partidários, por que a sua côr escura, que a torna bastante desagradável, tem além d’isso o inconveniente de atrair os raios de sol, e de fazer o templo uma verdadeira estuda, mas o seu maior defeito e de fazer empenar os emadeiramentos, e de os requeimar e tornar carunchosos.”⁴⁹

Ironia do destino, o novo santuário, ainda que não tenha tido cobertura em lousa, sofreria um ataque de formiga branca que motivou a execução de uma nova urna em cristal e latão, solenemente apresentada em 1946 – detalhado por Marques da Silva, a partir do desenho inicial de Bohnstedt. A par das questões de natureza técnica expôs também o secretário da irmandade a vontade de equilibrar a ornamentação interior/exterior do edifício, indo ao encontro da opinião de Cesário Augusto Pinto que afirmara ser indispensável a “ornamentação da fachada” ainda que devesse recomendar “moderação, para que o auctor não abuse”⁵⁰. Era assim recuperada a ideia de que era “de uma simplicidade excessiva” o tratamento



A urna de cristal e latão apresentada em 1946
Fotografia de Arcelino Augusto de Azevedo
Arquivo da Irmandade de São Torcato

47) Machado, Joaquim José de Azevedo. [Correspondência dirigida a Ludwig Bohnstedt] Guimarães: 6.Dez.1867. Arquivo da Irmandade de São Torcato.

48) Bohnstedt, Ludwig. [Correspondência] Gotha: 12.dez.1867. Arquivo da Irmandade de São Torcato.

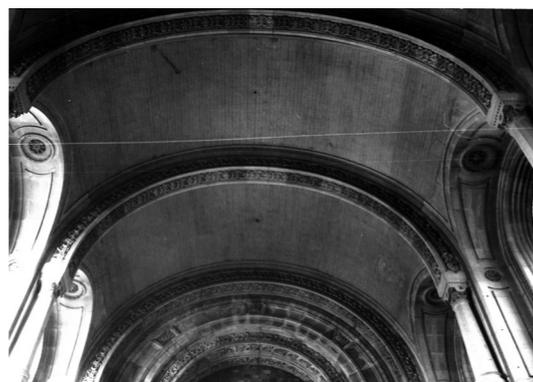
49) Machado, Joaquim José de Azevedo. [Correspondência dirigida a Ludwig Bohnstedt] Guimarães: 5.Fev.1868. Arquivo da Irmandade de São Torcato.

50) Pinto, Cesário Augusto. [Correspondência à IST] Taipas: 27.Fev.1868. Arquivo da Irmandade de São Torcato.

dado à fachada principal face à exuberante “riqueza da ornamentação interna”. Atente-se ao delicado trabalho escultórico da nave com arcos torais de inspiração vegetalista, contrastante com o desenho mais abstracto e geométrico da cornija que envolve o perímetro exterior do edifício. Justificada em parte pelas características da matéria-prima, a decoração em granito ganha expressão graças ao tratamento diferenciado das superfícies, macias e/ou estriadas, e às sombras por elas geradas. A singularidade deste trabalho conduziria, já no século XX à criação de uma escola de cantaria naquele estaleiro. Apesar de todo o investimento e técnica, a assaz crítica não tardou, afirmando tratar-se:

“(…) d’um joughou simplesmente bonito e sem typo, d’essa architectura de thesoura que tira do romão, da renascença e do gothico, bocados que ligam por um processo de salada, dando esse catitismo chamado em architectura moderno, um dos fricassés recosinhados pela chateza dos commis voyageurs francezes de Bellas Artes, sobre a ignorância confusa do antigo.”⁵¹

Atente-se ainda ao capitel coríntio, onde o ábaco tem óculos, onde o fuste da coluna é facetado e não canelado – tudo isto é uma reinterpretação livre do que a gramática estilística clássica não previa. Nas palavras de Regina Anacleto caracteriza o edifício o “gosto eclético, com predomínio de elementos decorativos neo-românicos”⁵², veja-se a arcaria cega na fachada. Com recurso a um léxico e uma gramática variadas, Bohnstedt compôs um templo novo que no interior anulava a estranha redução da largura da nave para o transepto e capela-mor. Os diferentes registos de ornamentação do interior e exterior do edifício, propostos por Bohnstedt e continuados por Marques da Silva, sujeitos ao exame popular anteciparia uma das discussões teóricas da arte em torno da *Abstracção e Empatia* (Wilhelm Worringer, 1907), que marcaria o debate alemão no início do século XX. É neste contexto interessante considerar o paralelismo que se pode estabelecer entre obras cronologica-



Abóboda da nave
Biblioteca Municipal de Arganil –
Regina Anacleto

mente tão distantes, como os fragmentos de frisos e ajimezes moçárabes reintegrados no antigo mosteiro românico – (re)descobertos na história recente⁵³ –, com o desenho de alguns elementos decorativos do novo santuário.

Naquela e em cartas posteriores, para lá das questões construtivas, Bohnstedt procurou conhecer melhor a organização e ornamentação do espaço litúrgico do santuário: altar-mor, trono eucarístico (de tradição portuguesa que desconhecia), púlpitos (fixos/móveis), urna do Santo, cofre subterrâneo para as oferendas, procissões com estandartes e andores. Dada a sua naturalidade, desconhece-se o grau de conhecimento que tinha sobre o culto católico. Note-se que do seu currículo profissional faziam parte, por exemplo, dois projectos para a Igreja Ortodoxa Grega.

Dão nota as cartas dos desenhos e cópias que, anotados, circulavam entre Portugal e Alemanha permitindo o desenvolvimento do projecto, a várias escalas. Na Irmandade encontram-se algumas das peças, hoje, porém, nenhuma assinada por Ludwig Bohnstedt. Surgem algumas desenhadas por Cesário Augusto Pinto que assumira gratuitamente a direcção técnica da obra até à sua morte. As telas mostram a pormenorização de arcos, de óculos, da estereotomia e do desenho dos elementos decorativos. Os cortes longitudinais, alçados e plantas foram executados a partir dos de Ludwig Bohnstedt – atente-se à legenda, já em português: Igreja de S. Torquato.

—Os desenhos originais

Apenas um desenho parcial do Santuário, na posse da Sociedade Martins Sarmiento, está assinado por Bohnstedt e datado (Gotha:1.Mar.1868). Atente-se à caligrafia gótica da assinatura e ao título do desenho, em francês: Eglise S. Torquato. Trata-se de uma planta do braço do transepto destinado a acolher a urna do Santo, desenhada à escala 1:25, cuidadosamente cotada e anotada. Note-se a ausência dos corpos anexos (sacristia e casa dos milagres) que viriam a ser introduzidos, abandonada a ideia de uma galeria exterior presente em muitas igrejas de romaria. Talvez se trate de um estudo anterior à revisão do projecto, organizado em dez folhas, que em Junho daquele ano foi dado por concluído.

“A Mesa da Irmandade é a primeira a reconhecer e a avaliar a importância do excelente trabalho que acaba de receber de V. Ex. a por isso vai sem perda de tempo em

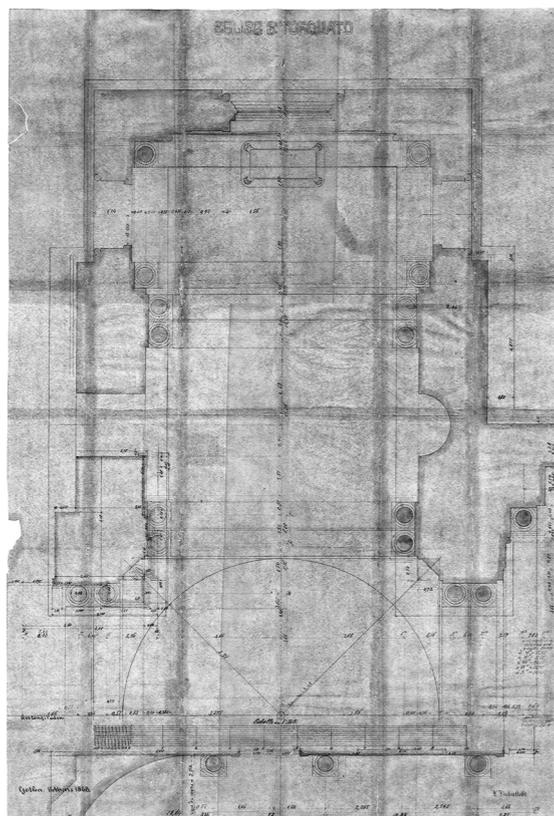
51) Almeida, Fialho de. “Estancias d’arte e da saúde.” Lisboa: Livraria Clássica Editora de A. M. Teixeira, 1921, p.115.

52) Anacleto, Maria Regina. “Arquitectura Neomedieval Portuguesa” Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1997, p.480.

53) Cf. Barroca, Mário Jorge; Real, Manuel Luís “As caixas-relicário de São Torcato, Guimarães (Séculos X - XIII)” in *Arqueologia Medieval*, 1, Mértola: Campo Arqueológico de Mértola, 1992, pp. 135 - 168.

empregar os meios de que pode dispôr para lhe alcançar uma remuneração digna de um tam raro talento.”⁵⁴

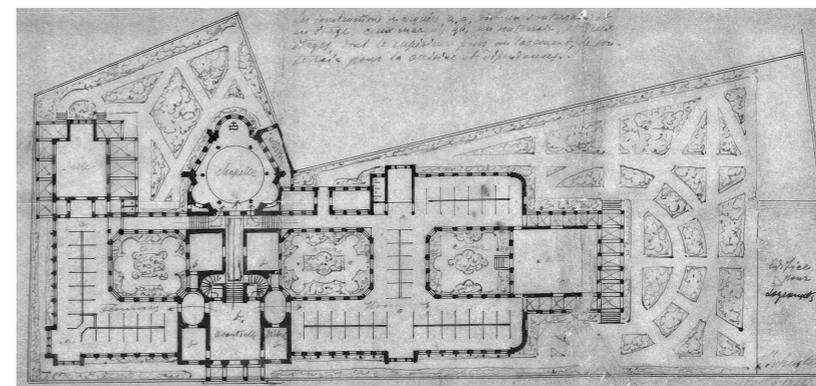
Desenho parcial do transepto de São Torcato
Ludwig Bohnstedt
Sociedade Martins Sarmento



Contudo, nem a remuneração que vinha sendo requerida pelo arquitecto foi conseguida, nem o trabalho de estaleiro avançou, conforme desejado. A obra não seria tomada de empreitada total por um capitalista tornado do Brasil, tal como chegou a ser anunciado por carta ao arquitecto. A conjuntura político-social, associada à instabilidade provocada pela guerra Brasil-Paraguai, o estado das finanças do Reino e a ameaça da invasão espanhola, foram os primeiros de muitos argumentos que ao longo dos anos haviam de condicionar o ritmo da obra. Seria, contudo, a generosidade de alguns beneméritos que havia de permitir ir continuando a erguer, paulatinamente, a obra a partir de 1870.

54) Machado, Joaquim José de Azevedo. [Correspondência dirigida a Ludwig Bohnstedt] Guimarães: Jun.1868. Arquivo da Irmandade de São Torcato.

Sendo desconhecidas, ou mesmo inexistentes, as peças desenhadas e escritas do projecto de arquitectura, das décadas de 1870 e 1880, ganha, por isso, especial importância uma solitária e enigmática planta de um piso térreo, desenhada e assinada por Ludwig Bohnstedt em 1872, que hoje se encontra apenas ao já referido desenho existente na Sociedade Martins Sarmento. Talvez fosse um projeto autónomo que Bohnstedt procurou angariar, a par do que estava a desenvolver para São Torcato. Também Marques da Silva, meio século depois, haveria de propor um hotel fronteiro ao parque do santuário com lago, que à data estava a desenvolver. A geometria irregular do lote no desenho de 1872 sugere tratar-se de um terreno real. Nele surgiria um edifício de grande escala, de duas alas assimétricas, destinada a cada um dos sexos. As alas organizavam-se em torno de pátios interiores ajardinados. Cada uma das extremidades do edifício seria rematada por grande sala, rodeada por galerias voltadas ao jardim envolvente. O interior tinha uma inesperada organização em espinha que definia pequenos compartimentos, com circulação perimetral: 24 para as mulheres, 48 para os homens, servidos por instalações sanitárias independentes. As fachadas seriam fortemente fenestradas, sendo as principais adornadas com colunas adossadas aos vãos. Frente à entrada principal, antecedida por um majestoso pórtico, e com acesso a partir das diferentes alas localizava-se a capela, de invulgar geometria triangular coberta por cúpula. As escadas, entre o átrio e a capela, denunciavam a existência de outros pisos, que a anotação no desenho confirma. No piso inferior estaria a cozinha, no superior mais áreas de alojamento. Considerando a dimensão, o programa, e a distribuição dos espaços aponta-se como possibilidade, tratar-se de um equipamento assistencial/ hospitalar. Atente-se, por exemplo, às semelhanças formais com asilos e sanatórios, programas em voga no último quartel do século XIX e início do XX. Cesário Augusto Pinto, presumível detentor dos documentos entregues por José Craiveiro à Sociedade Martins Sarmento, trabalhara a partir de 1870 ao serviço da Câmara de



Planta de um piso térreo
(desconhecido)
Ludwig Bohnstedt
Sociedade Martins Sarmento

Guimarães, mais tarde em Viana do Castelo e participaria nas obras das Caldas de Vizela. Não seria de estranhar que este desenho de Bohnstedt fizesse parte da correspondência trocada entre ambos, a propósito de um possível trabalho em curso na região minhota.

— O reconhecimento do arquitecto Ludwig Bohnstedt

No Arquivo de Possidónio da Silva depositado na Torre do Tombo, para lá das mais 50 cartas trocadas com Cesário Augusto Pinto sobre assuntos vários, da arquitectura à arqueologia, passando naturalmente por S. Torcato, encontram-se duas cartas de Bohnstedt datadas de 1876. Naquele ano, o arquitecto de Gotha foi feito correspondente estrangeiro e sócio honorário da *Real Associação dos Architectos Civis e Archeólogos Portuguezes*⁵⁵ por convite do seu presidente, que como vimos participara na concepção do concurso e integrara o respectivo júri. No mesmo ano Bohnstedt consta da “Notícia dos nomes e das obras dos architetos civis mais notáveis da antiguidade e dos tempos modernos, pertencentes a diversas nações”⁵⁶. Ao arquitecto alemão era associado o novo palácio legislativo de Berlim, o Reichstag. Ainda que não tenha sido construído, esta seria uma obra de referência do seu percurso, contribuindo para o reconhecimento internacional do autor. A pedido de Possidónio, Bohnstedt colabora para a lista do boletim. Reconhecendo a sua dificuldade em identificar os “arquitectos modernos da Alemanha”⁵⁷ por estar há mais de dez anos a viver em Gotha, elabora uma lista dos que mais apreciava e respectivas obras. O trabalho dos autores seleccionados, maioritariamente de Berlim e Viena, é bem revelador do gosto classicizante.⁵⁸ Em Portugal, em 1869, o arquitecto de Gotha tinha já sido agraciado com a comenda da “ordem de S. Thiago, de merito scientifico, litterario e artistico”⁵⁹. Esta é aliás uma das informações que consta no detalhado Currículo Vitae manuscrito que anexa à última das cartas.⁶⁰

Nesse currículo dá nota da partida, aos 17 anos, de São Petersburgo para a Universidade em Berlim, com passagem pela Escola Real de Architectura e pela Academia de Belas

Artes naquela cidade. Relewa ainda a viagem ao sul da Europa, iniciada em 1841, com estadia em Roma, onde sob direcção de [Robert] Salemann e Matthäi [Ernst] aprendeu a escultura; e passagem por Nápoles e Palermo. Regressou em 1842 a São Petersburgo, via Marselha, Paris, Estrasburgo, Colónia e Berlim. No ano seguinte, a Academia Imperial de Belas Artes de São Petersburgo reconhece-o ‘artista livre’, em 1847, membro da academia e, em 1858, seu professor. Em 1851, assumiu o cargo de arquitecto chefe do palácio da Grã-duquesa Helena Pavlovna, e funções para o Governo Imperial. A um período caracterizado pelas obras de natureza palaciana e pública seguir-se-iam, a partir 1854, o das construções particulares e da participação em concursos públicos, com obra para a sua cidade, Moscovo e Riga, entre outras, que no currículo detalhou. Já casado e com filhos, parte para Gotha na Alemanha em 1863, onde trabalhou e construiu um número significativo de moradias e, também, obras municipais. À arquitectura alia o gosto pela pintura que concebe a par da sua prática profissional. No mesmo ano em que redige o currículo manuscrito de que aqui se dá nota, venceria o concurso para a sede do Banco da Finlândia, em Helsínquia. Uma das suas obras mais conhecidas, a par do Teatro Nacional de Riga.



Banco da Finlândia, em Helsínquia



Teatro Nacional de Riga

O perfil erudito, cosmopolita e premiado aqui resumido, influenciariam certamente o convite dirigido por Possidónio da Silva, que vinha procurando estabelecer uma rede internacional de contactos. Com ela partilhava os seus interesses e obras, como informa a carta de Bohnstedt:

“J’ai à vous exprimer mes sincères remerciements pour les deux ouvrages (Souvenirs du Congrès International et dissertation artistique) que je possède depuis quelque semaine (...)

55) “Trabalhos da Associação de Arqueólogos Portuguezes”, vol.4, Lisboa: 1938, p.73

56) “Notícia dos nomes e das obras dos architetos civis mais notáveis da antiguidade e dos tempos modernos, pertencentes a diversas nações” in *Boletim Architectonico e de Archeologia*. Lisboa, 2ª Série, n.9, 1876, p.142

57) Bohnstedt, Ludwig. [Correspondência dirigida a Possidónio da Silva] Gotha: 2.Mar.1876. Arquivo Nacional da Torre do Tombo.

58) Berlim: Heinrich Strack (1805-1880) seu professor, Friedrich August Stüler (1800-1865), Hermann Ende (1829-1907), Martin Gropius (1824-1880), Carl Ferdinand Langhans (1781-1869), Eduard Knoblauch (1801-1865), Friedrich Adler (1827-1908) e Georg Friedrich Heinrich Hitzig (1811-1881). Viena: Gottfried Semper (1803-1879), Hansen, Terstel, Schmict?; Romano E ainda: Neureuther (Munique); Egle (Estugarda); Raschdorf (Colónia).

59) Diário do Governo. Lisboa, nº20, 4.Set.1869. p.1071.

60) Bohnstedt, Ludwig. [Curriculum Vitae] Gotha: 2.Mar.1876. Arquivo Nacional da Torre do Tombo.

J'ai serieusement étudié Vos ouvrages, surtout celui qui traite l'art portugais"⁶¹

A escolha das obras que Possidónio ofereceu reflete a variedade de matérias que estudava assim como dá nota da sua participação no debate internacional, muito para além da sua ligação inicial a São Torcato: fosse a propósito das descobertas pré-históricas que comunicara ao Congresso Internacional de Antropologia e Arqueologia Pré-histórica em Bolonha (1871)⁶², fosse a partir da discussão em torno dos mosteiros de Alcobaça, Batalha, Belém e Palácio de Maфра que levava ao Congresso Internacional dos Arquitectos em Paris (jun.1867)⁶³, celebrado a par da Exposição Universal – onde Bohnstedt apresentara aguarelas dos seus trabalhos em Palácios de São Petersburgo.⁶⁴ A matéria tratada por Possidónio, em torno da arquitectura portuguesa, seria mais tarde desenvolvida na obra dada à estampa em 1873, por ocasião da participação Portuguesa na Exposição Internacional de Viena. Aí apresentou um estudo em torno das sés de Braga; do Porto, de Lisboa e das igrejas dos conventos de Alcobaça e Batalha com levantamentos desenhados à mesa escala.⁶⁵ Seria o tema da arte, em torno da arquitectura religiosa portuguesa, aquele que mais despertara o interesse de Ludwig Bohnstedt.

— As vistas aguareledas oferecidas a D. Fernando

A propósito da comenda referida, escrevera Cesário Augusto Pinto a 15 Junho de 1869:

“Sinto muito que dessem a D. Fernando a vista principal do monumento, porque além de ser uma obra de muito merecimento artístico, era a única cousa que a Irmandade tinha para apresentar e que falasse aos olhos do publico (...) aquela aquarella bem encaixilhada (...).

Acho que cedendo aquella vista, pagou a Irmandade demasiadamente caro a distinção honorífica com que brindou o architecto.”⁶⁶

A investigação conduziu naturalmente à procura deste valioso documento. Onde esta-

61) Bohnstedt, Ludwig. [Correspondência dirigida a Possidónio da Silva] Gotha: 2.Mar.1876. Arquivo Nacional da Torre do Tombo.
62) Silva, Possidónio. “Souvenirs du Congrès International d'Antropologie et d'Archeologie pré-historique en Bolgne.” Lisboa:1873
63) Silva, Possidónio. “Dissertation Artistique sur l'Architecture em Portugal depuis le XII au XVIII siècle.”Lisboa: 1869
64) Garnier, Charles. “A Traver les Arts”. Paris: Librairie de L. Hachette et C.ie, 1869. pp. 63-64.
65) Silva, Possidónio. “Notice Historique et Artistique des Principaux Édifices Religieux du Portugal avec la description des plans de leurs églises (...)” Lisboa: Imprensa Nacional, 1873.
66) Pinto, Cesário Augusto Pinto [Correspondência] Ponte de Lima: 15.Jun.1869. Arquivo da Irmandade de São Torcato.

ria hoje tal aguarela? Se fora doada a D. Fernando II, e se ele a conservara, talvez pudesse surgir no extenso inventário orfanológico realizado entre 1886 e 1897, já após a morte de Ludwig Bohnstedt. No inventário, um universo de natureza muito variada digna de grande coleccionador, com admiração se constatou não se tratar apenas de uma vista do santuário. Localizado o verbete 5737, entre um “Desenho de uma machina de destilação (...) por José Pedro Collares Junior” e a “fachada do convento de Maфра desenhada e aguarelada a claro escuro por José Pereira”; afinal do “Projecto da igreja de S. Torquato por Boluisteat. Consta[va] da fachada e grande nave aguarelladas”⁶⁷. Infelizmente, para lá do valor atribuído, que somava 60\$000, nada informava o inventário quanto às dimensões dos suportes, contrariando a tendência descritiva no que às telas de pintura nacional⁶⁸ e estrangeira dizia respeito. À semelhança de muitos “Quadros existentes no Real Palácio das Necessidades pertencentes À herança da Sua Magestade El-Rei o Sr. D. Fernando” as aguarelas integraram o leilão que ali se realizou, de março a abril de 1893, conforme atesta o catálogo publicado que reproduz o erro/gralha na identificação do autor.⁶⁹

Conhecendo a qualidade de aguarelas executadas por Bohnstedt, quer do seu período de formação, quer das realizadas a par da prática profissional, tornava-se imperioso continuar a procurar tal registo que facilitaria a compreensão da proposta para São Torcato na esperança de melhor conhecer o ambiente interior idealizado.

Encontra-se nova referência às aguarelas no ‘Arrolamento de bens do Palácio das Necessidades’ realizado após a implantação da República. Surpreendentemente, neste também extenso inventário, encontramos na biblioteca “Uma gravura impressa em seda, representando o santuário e a imagem de S. Torquato (subúrbios de Guima-



Lenço estampado
Arquivo da Irmandade de São
Torcato

67) Inventário Orfanológico de D. Fernando II, vol.3, fl.2325, nº5737. Arquivo Nacional da Torre do Tombo.
68) Cf. Marques, Inês Coelho. “Constituição e dispersão da coleção portuguesa do rei D. Fernando II” Relatório de Projecto para a obtenção do grau de Mestre em História da Arte e Património. Universidade de Lisboa, Faculdade de Letras, 2021
69) “Catalogo dos quadros existentes no Real Palacio das Necessidades pertencentes à herança da Sua Magestade El-Rei o Sr. D. Fernando” Lisboa: Typ. E Lith. a vapor da Papelaria Progresso, 1892. p.42.

rães)⁷⁰ e, numa arrecadação, o “Projecto da Igreja de S. Torquato com dois desenhos aguarelados”⁷¹. A primeira seria talvez idêntica à do lenço exposto na vitrine da Irmandade; quanto ao segundo é especialmente notória a ausência da identificação do autor no verbete. Se em 1893, o nome de Ludwig Bohnstedt surgiu no catálogo do leilão com gralhas, passadas três décadas sobre a sua morte, em 1915 o autor já nem era identificado. Ainda que se desconheça o motivo para tal omissão, é evidente o subsequente não exercício de direito de preferência do Estado Português, por não reconhecer nas aguarelas valor artístico, arqueológico e histórico que justificasse apartá-las dos pertences da Casa Real. É neste contexto que Fernando E. Serpa Pimentel as assinala e integra na listagem de bens a remeter à Casa de Bragança, anotando, porém, a enigmática expressão “inutilizadas” à margem daquele verbete, conforme consta na última das listagens conhecidas⁷². As inutilizadas vistas aguareladas podem até não ter chegado ao Paço de Vila Viçosa. Seja como for, sabemos terem cumprido o propósito de fazer reconhecer o mérito do arquitecto:

“Depois de muitas passadas perdidas e de tempo mal gasto conseguimos afinal poder apresentar o projeto de Vossa Excelência ao ministro do Reino, e a El Rei D. Fernando. Sua majestade gabou muito a sua obra e sei que estimou imenso ter esta ocasião de poder apreciar o seu merecimento. D. Fernando é um dos amadores de bellas artes dos mais inteligentes, e com quanto elle seja sempre o primeiro a animar os artistas não têm contudo por hábito de prodigalizar os louvores, depois pois acreditar que todos quando ele dirigiu ao seu projeto são muito bem merecidos. Tendo a pessoa a quem encarregámos de apresentar o seu projeto, notado que D. Fernando depois de um exame detalhado das diferentes folhas, não cançava de se extasiar diante das suas lindas aguarellas das vistas perspectivas – exterior e interior –, entendeu que o que lhe cumpria fazer era oferecer-lhas e assim fez.”⁷³

— A divulgação do projecto de São Torcato - estampas e fotografias

Na publicidade à publicação *Entwurfe von L. Bohnstedt*⁷⁴, divulgada em alguns periódicos

70) Arrolamento do Palácio Nacional das Necessidades, Inventário Judicial vol. 3 [Biblioteca], fl.969v e 970, nº6971. 1915. Arquivo Nacional da Torre do Tombo.

71) Arrolamento do Palácio Nacional das Necessidades, Inventário Judicial vol. 4 [Arrecadações], fl.1421v e 1422, nº9370. 1915. Arquivo Nacional da Torre do Tombo.

72) MBCB AH NNG 2705 lista nº29. [1915]. Museu Biblioteca Casa de Bragança.

73) Machado, Joaquim José. [Correspondência dirigida a Ludwig Bohnstedt] Guimarães: 22.Out.1869. Arquivo da Irmandade de São Torcato.

74) “Entwürfe von L. Bohnstedt” Halle: G. Knapp’s, 1875-1877.



cos alemães⁷⁵, era anunciada a edição de quatro fascículos anuais, compostos por seis estampas e um texto cada. Ao longo de três anos, entre 1875 e 1877, L. Bohnstedt divulgou dezena e meia de projectos, alguns construídos outros não. Conhecemo-las graças à cópia existente na Museu de Architectura da Universidade Técnica de Berlim. Em Portugal poderão ter existido alguns fascículos, pois Bohnstedt providenciara oferecê-las à Biblioteca da Associação dos Arquitectos e Arqueólogos.⁷⁶

As quarenta e oito estampas publicadas a partir de 1875 pela G. Knapp (Halle), de dimensão próxima do A3, cobriam uma diversidade de programas de arquitectura, do habitacional ao institucional, dando grande destaque aos edifícios de natureza pública, civis e religiosos (católicos e ortodoxos). Projectados para o espaço europeu, da igreja em Guimarães a aposentos de palácios em São Peterburgo, do cemitério monumental de Milão à câmara municipal de Hamburgo, as litografias reuniam plantas, cortes e perspectivas cuidadosamente detalhadas, independentemente do estilo adoptado, contribuindo para a divulgação e afirmação do percurso profissional do arquitecto, que do norte da Europa, tinha obra espalhada até no sul. Releve-se a escolha de um projecto tão distante de Gotha, a igreja de São Torcato, para o primeiro número dessa colecção de fascículos. Foram-lhe reservadas 6 estampas, distribuídas nos dois primeiros números. O primeiro fascículo incluía uma reprodução da gravura da perspectiva exterior da fachada principal; a que seguia, em estampa dupla, o alçado principal; e por fim uma surpreendente estampa que, a diferentes escalas, reunia corte longitudinal, planta e cortes parciais com apontamentos sobre a decoração diferenciada dos tramos abobadados. Reside neste desenho a maior novidade. O interior da igreja, com as superfícies em granito aparente e abóbada rebocada, fora afinal pensado como superfície plena de pinturas de natureza bíblica. A policromia, tão em voga no século XIX, fazia parte do imaginário do arquitecto para aquele espaço sacro como aliás se lê no texto que acompanhava a publicação da estampa, referindo ‘ouro

75) “Berzeichniss Techniker Werte” [Suplemento] in *Technische Neuigkeiten*. Viena, nº7, 1875, p.2.

76) Bohnstedt, Ludwig. [Correspondência dirigida a Possidónio da Silva] Gotha: 2.Mar.1876. Arquivo Nacional da Torre do Tombo. Apesar da carta referir o pedido de envio das estampas, estas não foram localizadas nem na Biblioteca/ Arquivo do Museu do Carmo, nem na Bibliotca de Possidónio da Silva que integra a do Palácio de Mafra.

sobre azul' e o revestimento mármore em diferentes cores e tonalidades. Reforça esta ideia a legenda dos desenhos de pormenorização dos arcos torais densamente trabalhados. Certamente, a 'inutilizada' vista aguarelada do interior permitira perceber melhor o interior idealizado por Bohnstedt .

Quanto à perspectiva exterior do santuário, a primeira estampa da referida colecção constava já da série *Miniaturfaçaden - Album publicada a partir de 1870*.⁷⁷ Com este histórico da gravura, não seria de estranhar que o projecto de Guimarães pudesse ter integrado um dos doze volumes de desenhos de arquitectura que Bohnstedt apresentara na 1ª Exposição Internacional de Arte de Munique (Glaspalast, Jul-Out.1869)⁷⁸. Em Portugal, vemos idêntica perspectiva publicada pela Phot. Talbot, em albumina colada sobre cartão. Ao contrário das gravuras alemãs, a estampa portuguesa parece reproduzir um trabalho de pintura de Bohnstedt, quem sabe se “a vista perspectiva de um merecimento incontestável”⁷⁹ apresentada a concurso em 1867, ou uma outra para qual Bohnstedt solicitara a execução de uma fotografia, em 1868:

“Se fosse possível à illustre mesa mandar-me uma vista photographica do local, tomada pouco mais ou menos dos pontos z ou t d'este esboceto estimar-o hia muito para poder apresentar uma vista perspectiva.”⁸⁰

Porém, perante a dificuldade da execução de estrutura que a montagem do equipamento fotográfico implicava, Cesário Augusto Pinto proporia a resposta:

“não há actualmente em Guimarães photographo habilitado para tirar vistas, e tendo escripto a alguns do Porto, pediram-nos um preço tão excessivo que nos vimos forçados a desistir (...)”⁸¹

Apesar das dificuldades enunciadas, a Mesa acabaria por enviar uma vista fotográfica do local do santuário. Ainda que não fosse a que Bohnstedt desejasse era a melhor possível, pois a diferença de cotas dos dois terreiros condicionara a escolha do ponto de vista,

conforme justificou Azevedo Machado.⁸² Muito provavelmente, poderá ter sido este o primeiro registo fotográfico de São Torcato. Não é possível aferir se Bohnstedt acedeu a outros elementos para lá da vista e dos desenhos cotados que lhe permitissem conhecer a envolvente do santuário. Talvez seja essa a razão para as perspectivas publicadas serem enquadradas pela escadaria fronteira, curiosamente omitindo as fontes e anulando a representação das encostas circundantes. Talvez possa essa perspectiva fotografada ser a de uma das aguarelas oferecidas a D. Fernando, desconhecida, ou afinal talvez não, graças ao registo fotográfico do final da década de 1860 início de 1870, pela Phot. Talbot na Rua de Bonjardim 145 – conforme atesta o cartão da casa portuense, que viria a integrar a colecção de Marques da Silva.⁸³ Deste registo localizaram-se outros exemplares enviados pelos Mesários da Irmandade a Possidónio da Silva no ano de 1872⁸⁴. Posteriormente, em 1900, o mesmo desenho seria publicado em *Archeologia Chistã*, sendo uma das “66 photogravuras dos monumentos religiosos mais notáveis das duas cidades do Minho”⁸⁵ produzidas pela oficina de Pires Marinho.

Já a fachada principal do Santuário que integrava a colecção alemã de 1875, esteve certamente na base da “nossa gravurinha [d]o projecto definitivo” publicada em *O Minho Pittoresco* de José Augusto Vieira, de 1886.⁸⁶ Composição semelhante surge nas

“estampas do alçado das torres, frontaria e planta da basílica, por onde em conjunto [se pode] vêr a que tende essa massa de pedras lavradas que lentamente sobe na colina.”⁸⁷

Conserva-se ainda na Irmandade uma destas placas-matriz de zincogravura.

Em contraponto à edição alemã, a estampa portuense produzida pela Lith. E. Biel apresenta uma colorida composição de gosto naïf, em que a fachada da igreja surge envolta por céu azul com nuvens, arvoredos verde, e terreiro castanho com a perspectiva pouco controlada.⁸⁸ Atente-se ainda à deformação do desenho do alçado principal face

77) “Miniaturfaçaden – Album” Leipzig: G. Knapp, 1870.

78) “Katalog zur I. internationalen Kunstausstellung in Königlichen Glaspalaste zu Munchen: Eröffnung am 20. Juli, Schluss am 31. Oktober 1869”. München: Verlag des Ausstellungscomités, 1869. p.106.

79) Machado, Joaquim José de Azevedo. [Correspondência dirigida a Ludwig Bohnstedt] Guimarães: 6.Dez.1867. Arquivo da Irmandade de São Torcato.

80) Bohnstedt, Ludwig [Correspondência] Gotha: 15.Mar.1868. Arquivo da Irmandade de São Torcato.

81) Pinto, Cesário Augusto. [Correspondência] Taipas: 4.Abr.1868. Arquivo da Irmandade de São Torcato.

82) Machado, Joaquim José de Azevedo [Correspondência] Guimarães: Abr.1868. Arquivo da Irmandade de São Torcato.

83) Phot. Talbot – Bonjardim, 145 – Porto. Dimensões: 14x18,5 cm cartão; 9,2x 13,2 cm imagem.

84) Pinto, Cesário Augusto. [Correspondência dirigida a Possidónio da Silva] Guimarães: 11.Mar.1872. Arquivo Nacional da Torre do Tombo.

85) Nesta publicação é atribuída a data de 2 de abril de 1868 ao desenho de L. Bohnstedt. Bellino, Albano. “Archeologia Christã” Lisboa: Empreza da Historia de Portugal, 1900, pp.221-230.

86) Vieira, José Augusto. “O Minho Pittoresco” Lisboa: Livraria de Antonio Maria Pereira – Editor, 1886. p.613.

87) Almeida, Fialho de. “Estancias d’arte e da saúde.” Lisboa: Livraria Clássica Editora de A. M. Teixeira, 1921, p.115.

88) Lith. Emilio Biel & Ca Porto – Dimensões: 21,8x31,4 cartolina; 11,2x18,1 imagem. Assinada por A. Cardozo (à esquerda) e Arth.

ao desenho original de Ludwig Bohnstedt e à introdução, por detrás das duas torres da fachada com sinos, de uma cúpula assente sobre tambor. Desenho idêntico seria estampado nos lenços lembrança, recorrendo ao mesmo sugestivo título ‘Basílica de S. Torquato (subúrbios de Guimarães)’. Não sendo possível datar a produção da estampa com exatidão, e julgando a descrição - Basílica em alternativa a Santuário e/ou Igreja - é bem possível que o desenho fosse semelhante ao impresso em seda, já acima referido. Há que recordar que a irmandade convidou D. Manuel para juiz emérito, corria o ano de 1908. Em Novembro daquele ano, D. Manuel visitara Guimarães vindo de comboio, tal como D. Carlos tinha feito em 1906. A abertura do caminho de ferro, em 1884, tinha-se revelado instrumental para atrairromeiros a São Torcato. Em 1907 Aurélio da Paz testemunha e eterniza, pela fotografia, a afluência ao Santuário ainda em construção. As populares romarias seriam objecto de reportagem jornalística e cinematográfica, na década seguinte. Desde cedo, a fotografia e a edição de postais ilustrados permitem-nos acompanhar o andamento do estaleiro na dobra do século. Talvez a cromolitografia seja já contemporânea deste período.

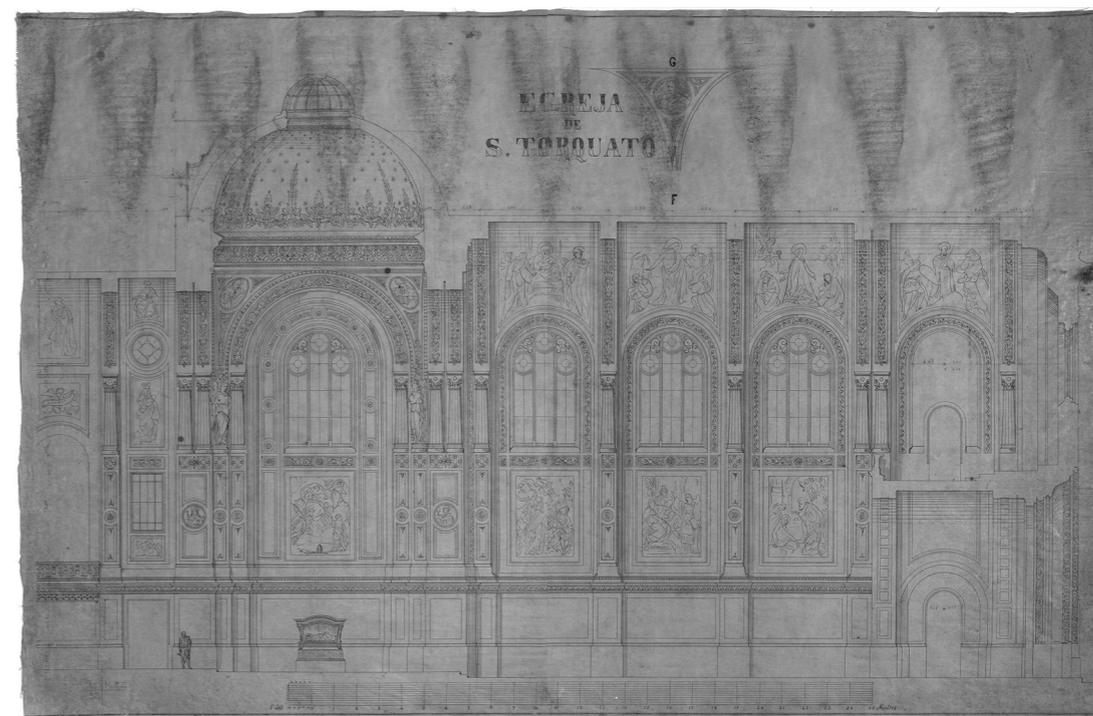


Estampa "Basílica de S. torcato
Lith. EMilio Biel & C^a, Porto
Arquivo da Irmandade de São Torcato

— A ‘nova’ cúpula, a continuação da obra por novos protagonistas

A cúpula assente em tambor, representada na cromolitografia, parece incompatível com o corte longitudinal publicado em 1875, que apresentava uma cúpula rebaixada. Porém, talvez vá ao encontro da solução apresentada a concurso e tão duramente criticada pelo júri e que foi tema recorrente de discussão com o projectista.

Gui (à direita). Foram identificadas duas estampas coloridas semelhantes, produzidas em diferentes séries de impressão. Atente-se, por exemplo, às variações na representação do céu na cromatografia da FIMS quando comparada com a existente no AIST.



Corte longitudinal pela nave
Arquivo da Irmandade de São Torcato

“Quanto ao zimbório, se V. Ex.a entender que se não deve prescindir da luz que elle ha de dar, não lhe parece que seria mais económico, e de igual efeito interno, substituí-lo por uma abobada no genero da dos banhos de Caracalla, ou da igreja de S.ta Sofia?”⁸⁹

A construção de um zimbório, como o que hoje marca o perfil do santuário implantado no vale, exigiria um acompanhamento técnico muito especializado. Cesário Augusto Pinto embora não concordasse com a opção, não deixou de recomendar a supervisão e direcção de obra por architecto:

“A construção do zimbório, além de muito dispendiosa é difficilima e perigosa, e não poderá ter lugar sem que as obras sejam dirigidas por um architecto assistente”⁹⁰

89) Machado, Joaquim José de Azevedo; “Tradução da carta dirigida pela Mesa da Irmandade de S Torquato, au architecto Luiz Bohnstedt [5.fev.1868] Arquivo da Irmandade de São Torcato.

90) Pinto, Cesário Augusto [Correspondência] 27.fev Arquivo da Irmandade de São Torcato.

Consciente desse desafio, Bohnstedt também defendera desde início do processo a sua presença. Para o bom andamento da obra era

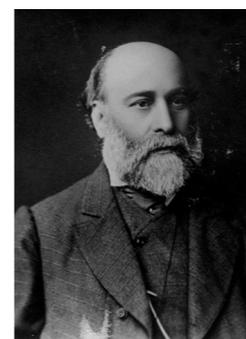
“(…) muito conveniente que o auctor do projecto fique em correspondência com os operários que estiverem encarregados de o executar, o que é fácil tendo elle em seu poder a copia do projecto que o habilite a responder a qualquer pergunta que lhe fôr dirigida.”

Ainda que a experiência de Bohnstedt mostrasse a possibilidade de, à distância, executar e acompanhar obras de grande envergadura, o ritmo desta obra portuguesa ditaria o seu progressivo afastamento. Não sabemos qual o conhecimento que o arquitecto manteve sobre os trabalhos em estaleiro até 1883, quando, por motivos de saúde, largou a actividade profissional. Acabaria por morrer dois anos depois, sem nunca ter visitado a obra. Ao engenheiro Cesário Augusto Pinto, que acompanhara a elaboração do projecto de Bohnstedt e o arranque do estaleiro, sucederia em 1897 o jovem arquitecto José Marques da Silva (*Porto 1869, †1947), recém-chegado de Paris.

A ausência do retrato de Ludwig Bohnstedt na galeria de benfeitores da Irmandade terá contribuído para o seu progressivo esquecimento. Nas notas de obituário publicadas em periódicos de arquitectura estrangeiros, na Alemanha e até nos Estados Unidos da América⁹¹, foi dado destaque à ‘Catedral de São Torcato’, enquanto os periódicos locais não parece terem noticiado a sua morte. A obra não seria continuada pelo seu filho também arquitecto. Já a José Marques da Silva, depois de cinquenta anos ao serviço da Irmandade de São Torcato, sucederia, a partir 1947, sua filha e genro, sendo a reformulação da grande cúpula o seu maior contributo. Terminada em 2006, marcou o fecho da construção do santuário que tardara quase dois séculos a erguer.

Ainda que a obra tenha sido iniciada segundo o projecto de Barros de Lima e terminada pelos de Maria José Marques da Silva (* Porto 1914, † Porto 1996) e David Moreira da Silva (*Maia 1909; † 2002) é incontornável a relevância e o impacto da proposta desenhada por Ludwig Bohnstedt para a qualificação e afirmação arquitectónica do Santuário de São Torcato, elevado a Basílica Menor em 2020.

91) “The British architect”, 23.Jan.1885, p.39; “The building news” 23.Jan.1885, p.152; “The Artist and Journal of Home Culture” Londres: 2.Fev.1885, p.63; “The American Architect an Building News” 28.Mar.1885, p.151.



Cesário Augusto Pinto
(Lisboa 1825 - Guimarães
1896)
Arquivo da Irmandade de São
Torcato



Ludwig Bohnstedt
(São Petersburgo 1822 -
Gotha 1885)
Arquivo Nacional - Torre do Tombo



José Marques da Silva
(Porto 1869 - Porto 1947)
Arquivo da Irmandade de São
Torcato

Agradecimentos

António Cota; Arquivo Nacional da Torre do Tombo; Biblioteca Municipal de Arganil – Miriella Vocht; Biblioteca Ordem dos Arquitectos – Fátima Coelho; Biblioteca Palácio Nacional de Mafra – Mafalda Nobre; Centro de Estudos de Arquitectura e Urbanismo – Carla Garrido de Oliveira, Marta Oliveira; Centro Português de Fotografia, Fundação Casa de Bragança-Palácio de Vila Viçosa – Maria Jesus Monge, Marta Páscoa; Fundação Marques da Silva – Luís Urbano, Maria Graciela Machado, Paula Abrunhosa; Irmandade de São Torcato; José João Loureiro; José Pedro Tenreiro; Maria José Meireles; Museu Arqueológico do Carmo – Paulo Gonçalves, Sónia Tavares; Nuno Borges de Araújo; Parques de Sintra-Monte da Lua – António Nunes Pereira, Hugo Xavier; Paulo Duarte de Almeida; Regina Anacleto; Royal Institut of British Architects; Sociedade Martins Sarmento – Antero Ferreira.



Irmandade de São Torcato

Irmandade de São Torcato

Juíz: Paulo Jorge Freitas Oliveira Novais

Vice-juíz: Manuel Macedo Carvalho

Secretário: José Manuel Magalhães Teixeira

Tesoureiro: Ricardo António Torres Faria de Freitas

Vogais: Miguel Ricardo Freitas Rodrigues, Rui André Freitas de Sousa, Manuel Freitas

da Silva, Daniel Augusto Piairol de Castro, Francisco da Cunha Santos, Maria Teresa Vaz

Batista Vieira e Brito, José Miguel Oliveira Guimarães Matos

www.irmandadesaotorcato.pt

Título

São Torcato: história, devoção e património

Coordenação editorial

Raul Pereira, Francisco Brito

Autores

Aires Gomes Fernandes, António Amaro das Neves, António José de Oliveira,

Armindo Cachada, Francisco Brito, Hugo Castro, João Durães, João Luís

Marques, João Paulo Braga, Luís Fontes, Manuel Miranda Fernandes, Maria

José Meireles, Nuno Vieira e Brito, Paulo Abreu, Raul Pereira, Rita Salgado, Rui

Faria, Vitor Fernandes

Revisão

Filipa Araújo

Design editorial

Pedro Simões

Fotografia da capa

Arquivo da Irmandade de São Torcato

Edição

Município de Guimarães

www.cm-guimaraes.pt



ISBN

978-972-8050-72-6

978-972-8050-74-0

ANNO MMXXIII

O cumprimento, ou não cumprimento, do Acordo Ortográfico de 1990 ficou ao critério de cada autor(a).